

Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas: Manejo e Conservação da Mata Atlântica

FUHR, Guilherme. DESMA, GVC / UFRGS, biofuhr@yahoo.com.br; LÜTKEMEIER, Karin Luísa. DESMA, GVC / UFRGS, karinluisa@gmail.com; Brack, Paulo. Dep. de Botânica / UFRGS, paulo.brack@ufrgs.br

Resumo

Este documento visa relatar as atividades desenvolvidas pelo DESMA - Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica (PGDR/UFRGS) e o Grupo Viveiros Comunitários (GVC/UFRGS), em parceria com a FEPAGRO - Unidade Maquiné, junto ao Projeto Agroculturas, proposto pela ONG ANAMA e financiado pelo MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário, desenvolvido no município de Maquiné, RS, referentes à linha de ação "Capacitação de Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas". A partir de demandas locais para qualificação na produção de mudas nativas, propôs-se atividades de capacitação envolvendo dois cursos teórico-práticos, quatro saídas a campo e estágios de qualificação de jovens rurais. Através de metodologias participativas envolvendo a troca de saberes, buscou-se fomentar a diversificação dos sistemas de manejo e uso da biodiversidade, de forma a contribuir para maior inclusão social do público envolvido e para o aperfeiçoamento de suas formas de organização e atuação.

Palavras-chave: Capacitação, viveirismo, sociobiodiversidade.

Contexto

A sub-bacia do Rio Maquiné está localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul. Inserida em Zona Núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, compreende tanto áreas planálticas quanto planícies do litoral, em um mosaico fisionômico de grande variação geomorfológica e ambiental que abriga os principais remanescentes de Floresta Ombrófila Densa no Estado. Nesse contexto, apresenta-se grande diversidade cultural que, na conjuntura sociopolítica regional, condicionam as formas de manejo e uso da biodiversidade local.

Desde 2000 o DESMA, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), em parceria com a ONG ANAMA - Ação Nascente Maquiné vem desenvolvendo pesquisas buscando avaliar o manejo sustentável de recursos vegetais que estejam de acordo com a conservação ambiental, contribuindo para a diversificação da renda dos agricultores familiares. Seguindo esse viés, em parceria também com a FEPAGRO – Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária, o Grupo Viveiros Comunitários e o Núcleo de Economia Alternativa (NEA/UFRGS), desenvolveu-se o Projeto Agroculturas, com financiamento do MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário.

O projeto Agroculturas visou capacitar as comunidades locais para a diversificação dos sistemas de manejo e uso da biodiversidade na Mata Atlântica. Uma das linhas de ação desse projeto (Capacitação de Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas) trabalhou o fomento ao viveirismo ecológico, tendo em vista a produção de mudas nativas descentralizada em pequenas propriedades rurais. O viveirismo organizado desta forma, além de representar uma alternativa de geração de renda e incremento de biodiversidade, atende a uma crescente demanda de compensações ambientais vigentes na legislação.

Descrição da Experiência

A linha de ação do projeto Agroculturas (Capacitação de Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas) teve início em outubro de 2006 e estendeu-se até janeiro de 2008. As atividades estiveram ligadas à formação de agentes ambientais e viveiristas, de forma continuada entre abordagens teóricas e práticas, com objetivo de suprir demandas locais para qualificação na produção de mudas nativas. Assim, contribuiu para o aperfeiçoamento das formas de organização,

Resumos do VI CBA e II CLAA

entendimento da legislação relacionada ao viveirismo e permitiu maior atuação do público envolvido.

As atividades consistiram em: a) um curso teórico-prático; b) quatro saídas a campo para coletas de sementes florestais, identificação e marcação de matrizes; c) estágio de qualificação para jovens rurais junto à FEPAGRO - Litoral Norte.

O curso (dividido em dois módulos - básico e avançado) totalizando 32 horas, desenvolveu-se de acordo com métodos participativos que estimularam a troca de saberes. Versou sobre a ampla rotina de trabalhos do viveirista, a coleta de sementes florestais, o beneficiamento dessas e os diferentes destinos para as mudas, especialmente focando em espécies nativas potenciais. Além disso, em parceria com o Grupo Viveiros Comunitários e a Rede Semente Sul, foram elaboradas palestras abordando questões acerca da nova Legislação de Sementes e Mudanças. Como pano de fundo, questões sobre a Mata Atlântica e sua conservação, destacando a importância da atividade de viveirismo frente à degradação ambiental e a possibilidade de atividade socioeconômica no meio rural.

As saídas a campo para atividades de coleta de sementes e marcação de árvores matrizes abordaram a identificação de áreas com remanescentes florestais contendo importantes espécies nativas da Mata Atlântica - principalmente aquelas estratégicas para propagação e uso. Através das quatro saídas executou-se na prática a identificação botânica de espécies florestais (mesclando saberes populares e científicos), marcação de plantas matrizes (anilhamento e posicionamento geográfico) e as diversas técnicas de coleta de sementes. Dentre os principais tópicos abordados estão: qualidade da planta matriz (fitossanidade), mapeamento de áreas de matrizes, monitoramento fenológico, diversidade genética, métodos de coleta de frutos e sementes florestais e marcação de áreas de matrizes e indivíduos (matrizes isoladas) com sistema de georreferenciamento GPS.

O estágio de qualificação nas dependências da FEPAGRO incluiu jovens rurais provindos de escola técnica da região, com o objetivo de vivenciar o trabalho de rotina do viveiro, de coleta de sementes, de experimentação no beneficiamento de sementes, armazenamento, semeadura e de participação nas demais atividades do projeto.

Resultados

No total das atividades, tivemos a participação de 65 beneficiários diretos, provenientes de 8 municípios da região: Maquiné, Rolante, Osório, Taquara, Três Cachoeiras, Igrejinha, Caraá e Porto Alegre e de diversos setores sociais, como agricultores familiares, viveiristas, técnicos, acadêmicos e estudantes. Participaram também representantes de entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, EMATER e o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais.

Importante parceria foi firmada com a Rede Semente Sul, imprescindível para a execução das atividades, tanto pelo histórico de atuação junto à atividade de produção de mudas, e no fomento aos viveiros familiares e comunitários de baixo custo, como pela atuação em forma de rede, no intercâmbio de informações e experiências na região sul do Brasil.

As atividades de caráter teórico-prático, do ponto de vista metodológico, contemplaram as especificidades da atividade de viveirismo. Trabalhou-se com conceitos, análises de experiências e princípios técnicos, o que é fundamental para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da atividade de propagação de mudas. Já as práticas referentes à rotina de trabalho, identificação de espécies e a seleção e marcação de matrizes proporcionaram a vivência necessária e contribuíram para o entendimento prático das temáticas na rotina do viveirista.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Grande parte dos participantes já desenvolvia atividade em produção de mudas ou pretendia fazê-lo. O projeto, portanto, tornou-se um importante espaço para a troca de experiências entre os participantes e atuou como um estímulo à formação de redes de viveiros e de comunicação, como constatamos em momento de avaliação das atividades.

Tornou-se evidente ao longo do trabalho a necessidade de extensão rural pelas entidades competentes, divulgação de resultados de pesquisa de diversas instâncias, esclarecimentos referentes à aplicabilidade da Legislação de Sementes e Mudas e, principalmente, ao reconhecimento dos produtores de mudas nativas como agentes fundamentais para a conservação da biodiversidade.

A superação da expectativa em relação ao público-alvo previsto inicialmente pelo projeto, indica o grande interesse nas temáticas relacionadas ao viveirismo como alternativa. No entanto, são poucas as iniciativas existentes para construir um maior diálogo entre órgãos e agricultores/as que têm na produção de mudas uma prática de geração de renda, e um instrumento de conservação e valorização das espécies locais, o que sinaliza para maior atenção neste sentido.

Algumas apropriações de técnicas e conceitos em viveirismo foram percebidas junto ao público-alvo, contínuo desta linha de ação. Além disso, muitos participantes que não exerciam a atividade de produção de mudas pretendiam fazê-lo, sendo grande a expectativa de que as atividades de capacitação tenham contribuído para disseminar práticas de propagação e valorização da flora nativa. Ressalta-se ainda a importância dessa atividade no contexto socioeconômico em que está inserida, e na conservação e propagação de espécies vegetais nativas.

Por meio dessas atividades de capacitação buscou-se trazer elementos técnicos, práticos e dialógicos através das trocas de experiências, abordando a conservação ambiental como uma forma de manutenção e incentivo a práticas de manejo pela comunidade. Nesse contexto, foi de crucial importância para o desenvolvimento do trabalho a abordagem de que os beneficiários (viveiristas) podem ser agentes ambientais, ou seja, atores sociais fundamentais na difusão da sócio-biodiversidade, atuando como agentes de conservação ao exercer atividades ligadas às práticas de viveirismo e agroecologia.